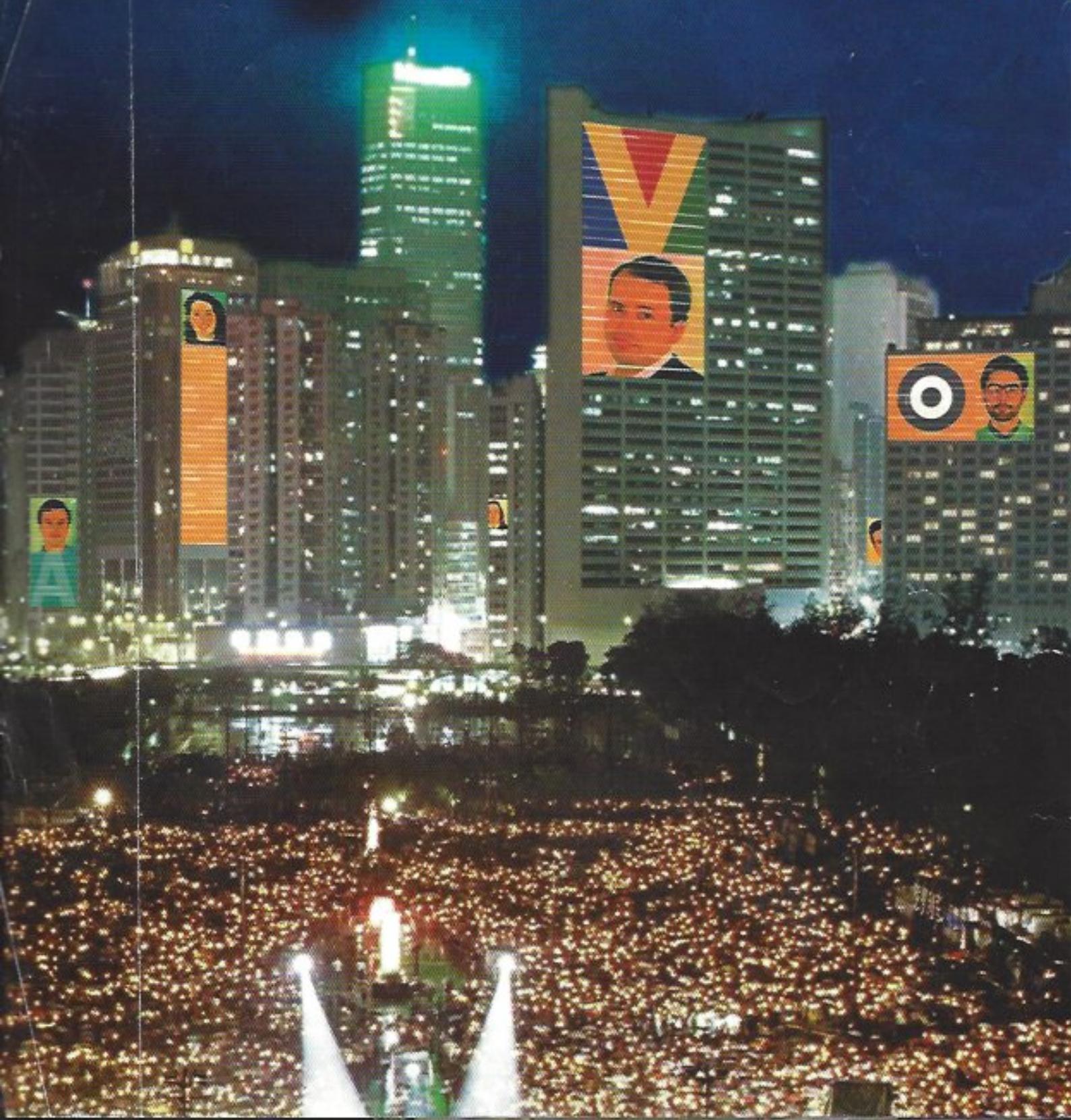


Classe Política 2020

Como será a próxima geração de líderes portugueses



OS POLÍTICOS DO



FUTURO

Nove perfis de líderes portugueses para 2020



Como será a política e os políticos portugueses em 2020? No mês em que PS e PSD se reuniram em congresso e no ano em que Portugal irá por duas vezes às urnas, nas eleições europeias e legislativas, a PÚBLICA foi em busca da próxima geração da classe política. Procurámo-la nas faculdades, nas juventudes partidárias, no poder local, nas organizações não governamentais, nas associações juvenis e também nos novos meios de comunicação. Dentro e fora do sistema partidário, a política precisará de espaço para nela se moverem jovens como o Pedro, o Hugo, a Carmen, o Luís, o António, a Luísa, o Miguel, o Mário e o Luís. A política de 2020 até pode não vir a conhecer estes nove nomes, mas por certo conhecerá outros com convicções similares, percursos muito parecidos e a mesma vontade de intervir. Entrámos-lhes em casa, nas universidades, nas associações em que estão envolvidos ou que lideram, acompanhámo-los na rotina diária. A cada um foi pedido um slogan que os identificasse numa eventual candidatura política em 2020, e juntámo-los aos nove em torno de uma mesa. A sentença: os quatro grandes "ismos" políticos do século XX estão condenados. Ao socialismo, comunismo, capitalismo e fascismo talvez sucedam as "idades". Solidariedade, individualidade, universalidade e transnacionalidade. Sinal de uma maior-idade da política?

DEBATE

TEXTO: DULCE FURTADO
 FOTOGRAFIA: MIGUEL MADEIRA

A IDADE ADULTA DA

A esquerda e a direita vão desaparecer. Pelo menos, como as conhecemos hoje. E a democracia? Será representativa ou directa? A política e os políticos conseguirão vencer o descrédito e ganhar uma nova nobreza? É preciso chegar ao poder sem ter vendido a alma pelo caminho. Difícil vai ser defender o sentido de povo no mundo global. Mas é possível, se se acabar com a uniformidade e as etapas definitivas na educação dos indivíduos. A solidariedade será sempre indispensável, por mais perfeito que seja o sistema. Porque os preconceitos e a exclusão permanecerão. Ainda que as atenções se voltem mais para a biotecnologia e para os direitos e deveres do cidadão eletrónico. Os políticos de 2020 debatem os problemas de 2020.

Luísa Salgueiro As pessoas podem estar na política, candidatar-se e desempenhar cargos políticos sem que estejam obrigatoriamente ligadas a um partido. É esse o caminho provável para daqui a 20 anos.

Hugo Capote Isso até acontece já. Mas é também porque os partidos políticos se têm vindo a interessar por essas pessoas. Os maiores partidos fazem caça aos independentes. (risos)

Mário Valente O problema é que se continua a funcionar na base de que a ordem tem que ser imposta e dividida de cima que é para separar bem as coisas. Mas a ordem e as estruturas podem vir debaixo, da agregação dos esforços individuais. Do caos pode surgir ordem. Não é preciso que a ordem seja imposta, como é o caso das quotas femininas na Assembleia da República e nos partidos.

PÚBLICA Deve haver um movimento em que os indivíduos voltem a associar-se para criar organizações alternativas às que existem?

Carmen Hilário Não é uma questão de alter-

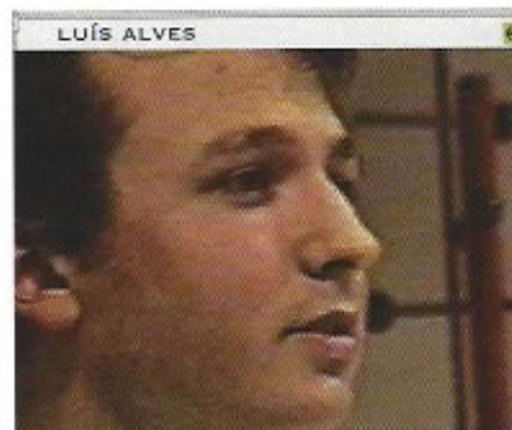
nativa. Há uma série de problemas a que a estrutura do Estado, do Estado Providência, não pode dar resposta. É antes uma questão de complementaridade.

Mário Valente É haver escolha. O indivíduo pode escolher ser um "free-agent" ou pertencer a uma ou a outra associação. O importante é que as pessoas tenham liberdade de escolha e que tenham o sentido de dar aos outros essa escolha. O problema é que quando aparece um desses "free-agents" com "free-will", surgem

logo as mega estruturas a tentarem captá-lo para a sua alçada.

Carmen Hilário Isso acontece porque a quantidade de pessoas que têm essa liberdade de acção ou a reclamam para si são uma minoria.

Mário Valente É preciso criar condições nas quais as pessoas possam escolher. Não vamos fazer como há vinte anos atrás e reunir as pessoas todas numa espécie de RGAs. A representatividade política deve vir da agregação dos esforços individuais, e não porque há três ou



"AS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA NÃO SÃO NADA PARA A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, SÃO UMA ELEIÇÃO PARA O PRIMEIRO-MINISTRO. APARECE O CARTAZ COM O GUTERRES A RIR-SE E COM UMA FRASE BONITA, E TODOS OS DEPUTADOS SÃO UMA LISTA DE ANÓNIMOS"

A CIENCIA E A TECNOLOGIA

POLÍTICA

quatro partidos a nível nacional que fazem uma campanha e elegem pessoas numa lista.

Hugo Capote Mas isso é o que toda a gente diz e que toda a gente quer. É a história de auscultar as bases...

SOLIDARIEDADE

Miguel Romão Quando se fala nas coisas vêm de baixo estamos também a dizer que devem reverter directamente para o indivíduo. Só que as coisas vêm de baixo e vão para um todo global e, depois, há uns que as vêm reverter para si e há outros que não vêm reverter de forma nenhuma.

PÚBLICA Um sistema social, seja ele qual for, pode ser suficientemente perfeito e bem organizado para satisfazer as necessidades de todos? Ou a solidariedade humana é insubstituível?

Pedro Mota Soares Isso depende da visão que se tenha do indivíduo e da estrutura, que é o Estado, e da relação que exista entre um e o outro. Se entendermos que o homem se dilui no Estado e que essa super-estrutura é superior ao homem, então demitimo-nos de toda a nossa intervenção pessoal. O Estado serve para servir o homem, mas o homem não se pode demitir da sua função de solidariedade.

Miguel Romão A solidariedade a que assistimos, essencialmente na Europa, é uma solidariedade em que pagamos impostos porque estamos a comprar a nossa segurança, a nossa tranquilidade, a possibilidade de termos um emprego.

Hugo Capote E ainda se consegue fazer um programa de televisão com isso. (risos)

Miguel Romão E será que queremos que a solidariedade continue a funcionar neste modo? Isto não pode ser solidariedade, é um sistema comercial.

Pedro Mota Soares Nunca pode haver na nossa parte uma demissão destes valores de humanidade. O que está em causa é um valor de humanidade: é ter alguém ao lado que não consegue sequer arranjar um emprego. Essa dimensão humana que todos temos nunca poderá surgir do Estado nem a poderemos remeter para o Estado.

Carmen Hilário Muitas vezes o Estado automaticamente desresponsabiliza-se das funções de assistência que tem e relega essas responsabilidades nas Organizações Não Governamentais (ONG).

Pedro Mota Soares Mas essa responsabilidade não deve passar só pelas ONG, passa primeiro por cada um de nós incentivar e integrar a sua participação.



LUÍSA SALGUEIRO

"É UMA ILUSÃO PENSAR QUE SÓ VAMOS FALAR DE INTERNET. OLHEMOS PARA A REALIDADE PORTUGUESA: JÁ TODA A GENTE TEM HABITAÇÃO DIGNA? TODA A GENTE TEM ACESSO AO ENSINO? ESSES SÃO OS ASSUNTOS QUE VÃO ESTAR SOBRE A MESA PARA QUEM FOR POLÍTICO E PARA QUEM FOR GOVERNANTE DAQUI A 20 ANOS"

AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

TODOS JUNTOS

A LIBERDADE PRECISA DE

PARTIDOS POLÍTICOS

António Monteiro É importante discutirmos qual a contribuição que podemos dar para mudar essa estrutura que consideramos estar errada. Faço parte de um partido político e, apesar de ser muitas vezes excluído por pensar pela minha própria cabeça, tenho necessidade de participar politicamente porque acredito que posso mudar essa estrutura. O meu contributo é feito dentro do partido político, ainda que seja contra tudo e contra todos.

Mário Valente O que estás a dizer é que se pode estar dentro do partido mesmo não concordando com algumas das ideias do partido. Só que há um número crescente de pessoas que não se revê em nenhum partido ou em nenhuma organização em particular, porque discorda aqui ou ali.

Carmen Hilário Mas não estar no partido não quer dizer que se perca o sentido político.

Mário Valente Exactamente. Isso não me impede de ser um agente político e de fazer parte das coisas. Mas, como é que se permite que o

indivíduo seja um agente político sem fazer parte de uma super estrutura política?

Luísa Salgueiro Fazer política não é estar num partido nem é estar numa câmara municipal. Fazer política é estar na escola ou estar na fábrica e desenvolver ideias e actividades.

FINANCIAMENTOS

PÚBLICA E as iniciativas espontâneas dos cidadãos não são um bocado ilusórias por ter

que haver sempre alguém, com poder, dinheiro e interesses, que financie?

Hugo Capote O dinheiro vai ser preponderante. Aquilo que por exemplo o Mário defende só se vai fazer se as grandes empresas acharem que aquilo é viável economicamente.

Carmen Hilário A política a nível europeu está subjugada aos interesses lucrativos das grandes empresas e multinacionais. Em Bruxelas existem "lobbies" instituídos que fazem pressão sobre a classe política que lá está e,



MÁRIO VALENTE

"SEMPRE HOUVE UMA TENDÊNCIA DE CRIAR HIERARQUIAS: DO INDIVÍDUO PARA A FAMÍLIA, DAÍ PARA A TRIBO, E DEPOIS PARA O POVO, PARA O GOVERNO, PARA OS SUPER GOVERNOS E PARA OS CONTINENTES E PARA AS COMUNIDADES EUROPEIAS. FOI UM MOVIMENTO IMPORTANTE, MAS AGORA ESTÁ-SE A ASSISTIR AO MOVIMENTO INVERSO, AO FIM DA MASSIFICAÇÃO DA HUMANIDADE, DO CONSUMO, DO ASPECTO, DOS GOSTOS E TAMBÉM DAS INFRA ESTRUTURAS POLÍTICAS"

SUBVERT THE DOMINATION

TUDO PODEREMOS

LUÍSA SALGUEIRO

GENTE QUE QUEIRA SER LIVRE

MIGUEL ROMÃO

MIGUEL ROMÃO



“ESTA GLOBALIZAÇÃO NO SENTIDO ECONÓMICO-SOCIAL E DE FACILIDADE DA COMUNICAÇÃO NÃO SERÁ O VERDADEIRO ANTÍDOTO PARA A CRIOLIDADE E PARA A ACEITAÇÃO DO MUNDO COMO ELE É”

com isso, impõem e agravam o distanciamento entre a classe política e a população.

Pedro Mota Soares Infelizmente em Portugal tem-se muito a mentalidade de que para fazer qualquer coisa tem que se arranjar um subsídio senão não é feito. E esquecem-se coisas que são muito mais importantes, como a aceitação que o público tem daquilo. A mentalidade de que para fazer algo tem que se ter um subsídio é extremamente viciosa e um erro brutal. Em Portugal as empresas não têm muito aquela preocupação social, sobretudo porque não têm muitos mecanismos de participação.

Luís Galvão É preciso estar muito atento a essas tentativas de aproximação e apoio porque nunca são inocentes...

GRANDES CAUSAS

PÚBLICA E quais vão ser os grandes temas e as grandes causas da política em 2020? Vão haver ideologias e causas pelas quais valha a pena lutar?

Luís Galvão O ambiente vai ser uma grande causa. Já é e vai ser com cada vez maior importância nos próximos anos. Há alguns problemas para os quais ainda não há grandes elementos, mas para outros já se começam a apontar caminhos. Só que as empresas e todos os países mais industrializados têm já um grande trabalho de “lobbie” a ser feito para dizer que os dados não são conclusivos e que temos que esperar mais 20 anos para ver se é necessário tomar medidas, medidas essas que já deviam ter sido tomadas há 20 anos atrás.

Luísa Salgueiro Nos próximos 20 anos o ambiente é capaz de ser mesmo a mais importante preocupação para quem queira ser líder político. Mas há outros valores, como a solidariedade e a relação com o próximo que serão também fundamentais.

Luís Galvão O que assusta é que os 20 anos não vão ser suficientes. O conceito de desenvolvimento sustentável tem anos, o conceito de direitos humanos fez 50 anos, e basta olhar para a primeira página dos jornais de hoje para ver como é que as coisas estão.

Carmen Hilário Mas valores como o ambiente só surgirão se problemas de base estiverem na altura em vias de resolução, sobretudo no aspecto da exclusão económica. Daqui a 20 anos talvez não haja ainda tempo para pensar no ambiente, talvez não seja essa a questão para a gente.

Mário Valente Essa é uma perspectiva um pouco malthusiana. Há cem anos atrás Malthus dizia que a população ia explodir e que iam todos morrer porque não havia comida suficiente. Ele não contou foi com o aumento da produtividade através da tecnologia.

Carmen Hilário Mas a questão de base permanece. Há uma falta de vontade política que leva ao agravar do fosso entre ricos e pobres.

Mário Valente Isso é subestimar uma série de coisas. Os grandes assuntos dos próximos 20 anos e daqui a 20 anos vão ser dois. Um é a questão da biotecnologia que vai bater, por exemplo, na resolução dos problemas do ambiente, nas questões de drogas feitas à medida de cada pessoa e no direito ou não ao acesso às drogas, vai bater na questão da pro-

PARA A VOZ DE

► dução em suficiência para distribuir por toda a gente, vai bater na clonagem, no direito ou não de poder clonar um fígado porque é preciso, vai bater numa série de questões de direitos individuais. A outra são os direitos e deveres do cidadão electrónico global, a privacidade, o direito à criptação das mensagens e ao segredo das comunicações pessoais, e como é que vai ser o problema do famoso "big brother is watching you".

PÚBLICA E quando é que essas questões vão começar a fazer parte do discurso político?

Pedro Mota Soares Parte do discurso político norte-americano já passa muito por aí, por todas essas questões do controlo imediato que o Estado ou as empresas podem ter sobre os cidadãos. Em Portugal não se fala ainda tanto porque o problema não é tão premente. Os portugueses entraram muito bem na sociedade de comunicação, a taxa de utilização dos telemóveis em Portugal é brutal, o sistema multi-banco português é o que funciona melhor na Europa, o sistema de via verde foi um sistema desenvolvido em Portugal. Não acho que te-

nhamos quaisquer reservas em relação à sociedade de comunicação.

Miguel Romão Pois, as pessoas compram o telemóvel e gastam mais do que podiam e depois têm um processo que se arrasta ao longo de cinco anos no tribunal. O acesso real a essa sociedade de informação não existe e, para o perceber, basta ver quantas são as pessoas que têm computador em casa.

Pedro Mota Soares Uma grande parte das pessoas que usa Internet não a usa em casa porque é relativamente caro. Usa nas faculdades, no emprego, nas associações e, por isso, não me choca muito que ainda seja bastante baixo o índice de pessoas que têm computadores em casa.

Luisa Salgueiro Creio que os factores sociais estarão sempre em cima da mesa, daqui a vinte ou daqui a trinta anos, enquanto todas as necessidades primárias não estiverem satisfeitas.

Pedro Mota Soares Pois eu acho que daqui a 20 anos esses vão ser os velhos problemas e que o que vai estar em foco é a necessidade do respeito pela diferença e a defesa do sentido de povo. Uma outra questão vai ser a do emprego.

A grande luta daqui a 20 anos será pelo direito ao trabalho.

Luís Galvão Parece-me que todos estes problemas se podem colocar na mesma área, que é a dos direitos humanos. O desenvolvimento de todos estes conceitos vão necessariamente ter que entrar nos próximos 20 anos. Estas novas questões da privacidade e da Internet vão ter que ser desenvolvidas e vão ter, se calhar, que passar por todas as fases que passaram os outros direitos.

Mário Valente São todos direitos dos indivíduos. E não vamos falar apenas de direitos. São direitos e deveres. No que respeita a direitos do consumidor há muita gente que tem aquela ideia do "eu pago logo tenho o direito a".

EDUCAÇÃO

António Monteiro A educação tem a necessidade de ser liberalizada. E que cada vez mais o Estado não seja tutelar, que as universidades definam toda a sua metodologia aos mais diversos níveis. A contestação às propinas não é só contra as propinas, é contra o estado em que se encontram as instituições do ensino superior, que estão incapazes de se adaptarem às novas realidades da sociedade. Tem que deixar de haver uniformidade.

Hugo Capote A situação ideal é que todas as instituições de ensino em Portugal tivessem a mesma qualidade. A grande luta é para que tenham ensino em coisas diferentes e que todas sejam as melhores em coisas diferentes.

António Monteiro E porque é que não somos nós a fazer o nosso currículo escolar?

Hugo Capote Mas isso é uma questão de educação generalista. Os nossos pais tinham um

CARMEN HILÁRIO



"AS PESSOAS TÊM UM CERTO CONFORMISMO, UMA CERTA TENDÊNCIA DE ADEQUAÇÃO AO QUE JÁ ESTÁ INSTITUÍDO, O QUE TAMBÉM VEM DA PRÓPRIA EDUCAÇÃO QUE LHES É MINISTRADA"

TODOS EM PROL DE UM MUNDO

PORTUGAL SER MAIOR

PEDRO MOTA SOARES



PEDRO MOTA SOARES

"A DEMOCRACIA NÃO TEM O DIREITO DE SE PROTEGER DOS SEUS PRÓPRIOS INIMIGOS. A VANTAGEM DA DEMOCRACIA É ESSA, A DE HAVER ESPAÇO PARA TODA A GENTE. SENÃO MATA-SE A SI PRÓPRIA, TEM EM SI A GÊNESE DA SUA DESTRUIÇÃO"

emprego e se fossem especializados e treinados para aquele emprego não tinham quaisquer problemas o resto da vida. Mas nós não. Se formos treinados para aquele emprego e aquele emprego acabar ao fim de cinco ou seis anos fazemos o quê?

Miguel Romão Essa vai ser uma das questões de ponta daqui a vinte anos: da especialização versus universalismo em termos de formação das pessoas. Continua a acreditar-se que a especialização é que é o futuro. Parece-me que já começa a haver uma corrente um bocadinho contrária, interdisciplinar na perspectiva universalista, em que não se pode ser um indivíduo se não se tiver uma formação global.

DEMOCRACIA

Luís Alves O que noto é que estas ideias e estas opiniões para o futuro andam muito à volta de uma espécie de revivalismo de velhos mitos. Fala-se no velho mito da sociedade civil, que a sociedade civil é que se deve organizar para fazer as coisas e que não se deve autodemitir das suas responsabilidades. E, sem dar conta, esta-

mos a demitir o Estado das responsabilidades que nós lhe damos. Dá-me a ideia que o individualismo suporta o sistema que existe, o mito da sociedade civil suporta o sistema que existe. Acredito que daqui a 20 anos o suporte da democracia vão ser os partidos políticos.

PÚBLICA As novas tecnologias vão permitir uma espécie de democracia directa?

Mário Valente A tecnologia vai permitir a democracia directa mas é um perigo, porque se tiver que votar num referendo todos os dias, ao fim de um mês as taxas de abstenção deixam de ser de 60 por cento e passam para 99 por cento.

Luís Alves Isso de ir votar todos os dias não é democracia política, é uma democracia temática. A política é muito mais ampla que isso.

Hugo Capote O grande problema daqui a 20 anos é voltar a haver políticos. É voltar a haver políticos que mandem alguma coisa. O problema vai ser termos política sem políticos.

Luís Alves Mas a democracia não é ter a opinião que tem o Pacheco Pereira, essa é o Pacheco Pereira que a tem. Acho que temos de ter representantes, com os quais estamos de

acordo em termos gerais e que sabemos que tomam opções políticas perante questões concretas. Nós temos que defender os partidos políticos até porque as ditaduras começaram assim, a dizer que os partidos políticos são uma perda de tempo.

ESQUERDA E DIREITA

PÚBLICA A linha de fractura entre direita e esquerda vai desaparecer? Quais vão ser os dois grandes movimentos?

Mário Valente Até acho que o grande tema daqui a 20 anos vai ser o direito à não associação. Vai ter de se discutir essa questão de ter que pertencer à esquerda ou à direita. Tenho que pertencer a uma delas? Nem sou de uma nem de outra, concordo com pontos de vista da esquerda e concordo com outros pontos de vista da direita. Mas não sou do centro, nem do centro liberal. Sou liberalista.

Carmen Hilário Creio que vamos assistir a uma redefinição daquilo que é esquerda e do que é direita. Em Israel é-se de esquerda ou de direita consoante se quer um acordo ►

SUBSTANCIALMENTE SOLIDÁRIO

CARMEN HILÁRIO

MELHOR EDUCACAO



HUGO CAPOTE

"HÁ UMA CULTURA DE ESQUERDA FEITA DE VALORES HUMANISTAS, QUE FAZ CONTRA-CULTURA, QUE DIZ O QUE NÃO DEVE DIZER NA ALTURA QUE NÃO DEVE DIZER E QUE SE ESTÁ A BORRIFAR PARA AS AUDIÊNCIAS"

► de paz com os palestinianos ou não, mais nada.

Pedro Mota Soares Fala-se agora muito nas ideologias, mas quem faz as ideologias não são os partidos políticos nem são os políticos activos. O pensamento ideológico pertence aos pensadores, aos escritores, aos artistas, aos filósofos. Quando o muro de Berlim caiu a direita rejubilou e disse "agora vai ser o nosso tempo, porque nós bem avisámos que isto ia acontecer". E a direita não se conseguiu readaptar a um novo mundo, o que a esquerda socialista teve que fazer. Com isso surgiram todos estes novos fenómenos: do Clinton nos Estados Unidos, do Schroeder na Alemanha, da nova maioria e do new labor em Inglaterra. É o chamado socialismo do sorriso. O que não implica a crise ou a morte das ideologias. As fronteiras vão ser diferentes. Mas ser de esquerda ou de direita vai ser sempre a diferença como organizamos ou deixamos de organizar o Estado.

Hugo Capote Isso é muito redutor. Há uma cultura de esquerda e por isso até é que nor-

malmente as pessoas que fazem cultura são pessoas de esquerda.

Pedro Mota Soares Dizer que há valores que são da esquerda e que há valores que são da direita é o maior erro possível. E leva a que se diga que a cultura é doutrinária, o que não faz sentido nenhum.

Mário Valente E Portugal é uma sociedade de esquerda?

Hugo Capote Tem resquícios disso. (risos)

Mário Valente Então porque é que numa sociedade de esquerda são proibidas determinadas opções individuais como o nazismo?

Hugo Capote Porque tens uma faixa da população portuguesa que não tem educação e se chega um tipo qualquer com uma suástica a dizer "nós é que somos outra vez os melhores" tens o problema criado novamente.

Pedro Mota Soares A discussão da extrema direita é perniciosa porque é conotável. A discussão que devemos pôr é se a democracia pode proteger-se dos seus inimigos ou não. Deverá a democracia proibir que surjam correntes

antidemocráticas? A democracia tem mecanismos de defesa próprios que não passam nem devem passar pelas proibições.

POLÍTICOS

Luísa Salgueiro As pessoas pensam que a política é má porque vêem mal os políticos, questões de corrupção, por questões de falta de competência, por questões de compadrio fundamental que não confundamos as coisas.

Hugo Capote Mas para te poderes candidatas que entrar nesses compadrios. Como que hoje podes chegar lá se não fores pelos partidos?

Luísa Salgueiro Não confundamos a percepção que a população tem na actualidade dos políticos e dos partidos com aquilo que deve ser.

Luís Alves Para definirmos o que vai ser a política no ano 2020 era preciso termos a consciência do que é a política hoje. É um sistema em que não há alternativa. O governo só po-

TERCEIRA VIA FUG

PELAS ALTERNATIVAS SEMPR

E PARA TODOS

HUGO CAPOTE

"NA ÁREA AMBIENTAL VAI HAVER MUITO TRABALHO, SOBRETUDO AO PENSARMOS QUE A ENORME PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO MUNDIAL QUE NÃO VIVE AOS NÍVEIS QUE NÓS VIVEMOS HOJE EM DIA TEM O DESEJO DE PODER TER TAMBÉM ESSAS CONDIÇÕES. O QUE IRÁ ACONTECER QUANDO ESSES PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS CHEGAREM AO NOSSO NÍVEL?"

LUÍS GALRÃO



não consegue fazer nada porque hoje temos a ditadura das multinacionais. E isto está a criar o perigo de deixar o monopólio da crítica ao sistema a gajos como o Le Pen ou a partidos de extrema direita ou fascistas. Mas acredito que vai haver uma ruptura, que vai voltar a haver alternativas dentro do sistema.

Mário Valente Parece-me também que a política daqui a 20 anos vai mudar bastante. Mas porque vai ter que reconhecer o direito à indi-

vidualidade e as diferenças individuais das pessoas que hoje não se revêem em partido político nenhum. Isso vai levar nomeadamente ao esbatimento da esquerda e da direita. Ou aparecem novos poderes representativos, novas estruturas representativas que passam inclusivamente pelas ONG ou então, como se assiste na religião, vai haver uma sectorização e uma fragmentação do espaço político.

Pedro Mota Soares Daqui a 20 anos o mundo vai ser um mundo global em que vai implementar-se o conceito de "fair-trade" de que já se fala. E o "free-trade", o comércio livre, vai ser substituído por esse comércio justo. Vai haver um reconhecimento de que há um conjunto de direitos sociais e humanos que vai mais longe do que a Carta dos Direitos Humanos e que, para se produzir, não se pode passar por cima desses direitos.

Hugo Capote Aquilo que me preocupa realmente hoje em dia é aquela lógica do lucro, que acaba por determinar que os políticos digam uma coisa e não a façam. Não porque não queiram tentar fazer as coisas, mas até chegarem lá acabam por ter que se vender aos bocadinhos, ziguezagueando aqui e ali, e quando lá chegam estão completamente comprometidos.

Mário Valente O caminho é muito longo para alguém que tem interesse em participar. Até ter o poder de mudar a sociedade vai havendo esses desvios e essa venda aos bocadinhos. Se o caminho fosse mais directo, se houvesse um caminho mais curto para o cidadão normal chegar a fazer alguma coisa, se calhar, não havia tantas hipóteses de as pessoas se perderem pelo meio. †

ANTÓNIO MONTEIRINHO



"AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES NUNCA SABEM QUE EXISTEM E QUANDO SE REALIZAM FÓRUMS DE DISCUSSÃO FORA DO PAÍS. SÃO SEMPRE OS PARTIDOS POLÍTICOS QUE CONTROLAM ESSA PARTICIPAÇÃO. NÓS NÃO PODEMOS DAR O NOSSO CONTRIBUTO E, SE CALHAR, OS PARTIDOS ATÉ NOS VÃO REPRESENTAR MUITO MAL PORQUE ESTÃO DESFAZADOS DA REALIDADE"

ENTRE O TRANSITO

ANTÓNIO MONTEIRINHO

PELAS ALTERNATIVAS A TUDO

LUÍS GALRÃO

O DIA-A-DIA DOS "CANDIDATOS"

A DIPLOMATÁ



Carmen Hilário
26 anos, estudante Direito

Quando Carmen Hilário, 26 anos, diz que é conservadora nos gostos, está com certeza a referir-se ao modo de vestir: cores escuras e peças simples. Porque, fora isso, muito pouca coisa tem de conservadora a jovem estudante de Direito, que já correu o mundo quase de uma ponta à outra, andou pelos corredores das Nações Unidas, organizou uma conferência para jovens em Belgrado e diz que o seu maior sonho é viver em Israel.

Por enquanto, Carmen Hilário vive em Coimbra, num espaçoso sexto andar. As paredes do quarto, pintou-as de amarelo. Ainda estão como que pintadas de fresco, sem quadros, sem fotografias. É que a jovem chegou há pouco tempo de Bruxelas. Tudo porque um dia teve a ideia de fundar em Coimbra o núcleo da Associação de Estudantes Euro-

peus de Portugal e pouco depois foi convidada para integrar os quadros da associação-mãe, na Bélgica.

Foi lá que conheceu muita gente, de muitas nacionalidades. Tudo menos portugueses. Foi por influência de um amigo alemão, "que tinha uma sala pintada de vermelho vivo", que veio com vontade de dar outra

cor à sua casa.

De regresso a Portugal, tenciona terminar o curso de Direito, apesar de Relações Internacionais a atrair mais, agora que já conhece outras culturas. Apesar de conhecer bem a Europa, os seus planos vão noutra sentida. Amin Malouf, um dos seus autores preferidos, é culpado por isso. "A cultura ocidental está sistematicamente a ter uma atitude muito cáustica com os árabes. Criticamos muito, conhecendo muito pouco", afirma.

"Sempre tive paixão pelo Médio Oriente, sempre disse que iria plantar batatas para Israel, se calhar vou no ano 2000, nunca se sabe", confessa.

Quando não tem uma viagem para fazer, gosta de ouvir música étnica e umas cassetes de grupos rock, "que não lembra ao diabo", trazidas de Belgrado. Tem uma flauta da Turquia no quarto, mas isso é só para enganar. É que tem pena de não saber tocar nenhum instrumento. **HELENA PEREIRA**

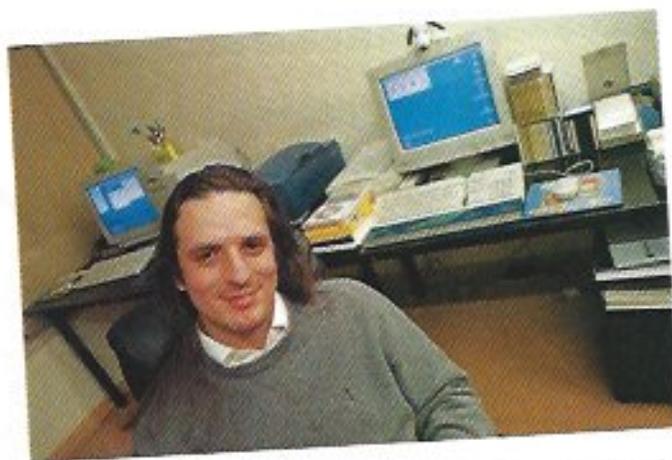
"SEMPRE TIVE PAIXÃO PELO MÉDIO ORIENTE, SEMPRE DISSE QUE IRIA PLANTAR BATATAS PARA ISRAEL, SE CALHAR VOU NO ANO 2000, NUNCA SE SABE"

"Na Net existe uma de

O INDIVIDUALISTA

Mário Valente
30 anos, co-fundador do Fórum Fronteira Electrónica

O filho de Mário Valente vai chamar-se Mário Valente, tal como o avô, o pai, o irmão, os quatro tios e os 12 primos. É tradição de família. E a única coisa em que Mário admite ser igual a outros. Em tudo o resto quer ser um "indivíduo diferente". Bom, até no nome: "Eu sou Mário Francisco, o meu irmão é Mário José, o meu pai Mário Aníbal e por aí adiante". Mário Valente, 30 anos, afirma que às vezes é do



contra "só para chatear", que é como quem diz, para demonstrar que tem direito a ser diferente.

Fundador da Esotérica, empresa pioneira no fornecimento de acesso à Internet em Portugal, Mário teve o primeiro computador aos 15 anos. É também fundador do Fórum Fronteira Electrónica, uma associação de defesa dos direitos e deveres dos utilizadores de meios electrónicos criada à imagem da americana EFF (Electronic Frontier Foundation). Mário diz

na Net existe "uma democracia de facto" e as pessoas são simultaneamente "leitores

dactores, utilizadores e colaboradores e também polícias": "É um espaço em que o cidadão critica e é criticado".

Começou a ler com quatro ou cinco anos e a única coisa de que se lembra de querer ser é escritor. Lia muito, lia tudo, "uns três livros a cada duas semanas", inclinando-se cada vez mais para a ficção científica e para a ficção política. "O Quarto Protocolo", "O Chacal" e "Caça ao Outubro Vermelho" são obras que conheceu pelos livros, em vez do cinema, que acha "demasiado massificante".

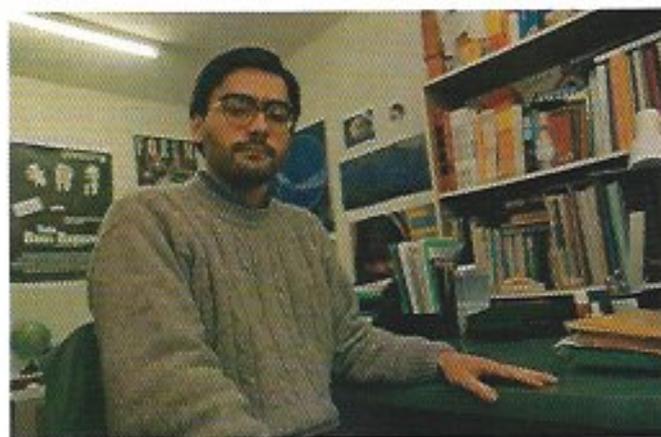
Foi baptizado católico, mas a certa altura achou que "qualquer coisa estava mal contada". Quis saber mais e aprendeu: "Que Jesus Cristo nasceu foi a 6 de Janeiro, que foi casado com Ma-

"COM ALGUMA IRREVERÊNCIA, ALGUMA REBELDIA E A TENDÊNCIA DE QUERER FAZER MELHOR PARA COMBATER O ESTIGMA DO PAROLO, GANHEI TENDÊNCIA PARA SER DO CONTRA"

ria Madalena e teve descendência e que foi crucificado aos 38 anos". Recusou a religião católica e optou pelo taoísmo, que entende ser "mais uma filosofia de vida": "É uma perspectiva de individualismo não egoísta, de reconhecer que os outros têm direito a ser o que são". Transmontano de nascença, Mário veio com os pais para Lisboa, para o bairro de Carnide, quando tinha 14 anos, sentindo-se "completamente deslocado". "Com alguma irreverência, alguma rebeldia e a tendência de querer fazer melhor para combater o estigma do parolo", ganhou tendência para "ser do contra". Passou a ser adepto do FC Porto apenas "para chatear". "Se vivesse no norte seria do Sporting ou do Benfica". ■ **DOLCE FURTADO**

cia de facto. Somos leitores e redactores simultaneamente", diz Mário Valente

O GUARDADOR



Luís Galvão
25 anos, membro da Quercus e da Amnistia Internacional

Encostado à parede está um armário enorme, quase até ao tecto, com dezenas de prateleiras e gavetas. De uma ponta à outra, Luís Galvão enche-o de papéis, como também o faz na secretária e nas estantes mais ao fundo do escritório que construiu em casa. "Podem imaginar qualquer tema que eu hei-de ter alguma coisa. Desde miúdo que guardo papéis. Tenho dificuldade em deitar qualquer coisa fora". Para exemplificar: antes de Luís Galvão, 25

anos, chegar à Quercus, há pouco mais de quatro anos, "havia quatro arquivadores, agora são 45 e a precisar de mais".

Na infância Luís interessava-se pelos fósseis, pelos vestígios arqueológicos e "recrutava o irmão e os vizinhos para andarem nos campos à cata de calhaus", com os quais enchia caixas e caixas de sapatos que depois levava

ao Museu Arqueológico de Sintra. Mas, "como era muito novo", o interesse pela paleontologia não passou disso. Mais tarde, já com 16 anos, andou um ano inteiro "a ver estrelas", ia semana sim semana não ao planetário, lia tudo o que lhe vinha à mão sobre astronomia.

Vê nos avós maternos "uns segundos pais", com os quais vive paredes meias, numa quinta em Covas de Ferro, no Concelho de Sintra. Lembra-se bem como o avô chorou, quando decidiu ser objector de consciência: "Pensou que eu ia preso, falava-se em 24 meses de prisão por deserção. Foi complicado explicar que uma pessoa já podia decidir que não queria ir

"NO PSR, MAS SÓ PARA FAZER NÚMERO, NUM LUGAR INELEGÍVEL SIMPATIZAVA COM ALGUMAS OPINIÕES DE ESQUERDA, MAS NUNCA FUI PESSOA DE LER MARX DE TRÁS PARA A FRENTE"

à tropa". A escusa ao serviço militar levou-o a integrar a Quercus. "Já era membro da Amnistia Internacional desde 91 mas, não sei porquê, isso não é considerado como serviço cívico para termos de objecção de consciência".

Por altura do boicote de D. Maria às eleições autárquicas de 1991, deu os primeiros passos de actividade política. "Os últimos também". Comprava o "Combate", entrou em contacto com o PSR e chegou mesmo a fazer parte das listas daquele partido para as autárquicas de 95, "mas só para fazer número, num lugar inelegível". "Simpatizava com algumas opiniões de esquerda, mas nunca fui pessoa de ler Marx de trás para a frente". ■ **D. O. F.**

O MISSIONÁRIO



Miguel Romão
21 anos, coordenador do núcleo
de estudantes socialistas
da Faculdade de Direito

"Acabei de passar uma tarde bonita". É quando Miguel Romão, 21 anos, fala de coisas bonitas refere-se às coisas simples. Foi assim a tal tarde: Miguel conheceu um rapaz e uma rapariga mexicanos, da Universidade de Saltillo, com os quais se correspondia há já algum tempo por e-mail. O contacto foi feito num intercâmbio lançado pela revista literária da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, a "Inventio" da qual é um dos directores.

Miguel é apaixonado pelas pessoas. Fala em solidariedade social e da vontade de participar num programa de apoio à terceira idade. Lembra os seis meses de voluntariado que fez na associação católica de recuperação de toxicodépendentes Vale d'Acor, em Almada, quando tinha 18 anos, e como no ano seguinte esteve

quase, quase para ir para África, "para fazer o que fosse preciso, ensinar a ler e escrever, participar nos programas de vacinação, abrir valas, o que fosse preciso". Foi também esse "sentido de missão" que o levou a assumir a coordenação do núcleo de estudantes socialistas da Faculdade de Direito de Lisboa. Aluno do quarto ano de direito, Miguel está

filiado na Juventude Socialista há dois anos e mais recentemente no partido, também por "motivação cívica".

Filho de dois professores universitários de economia, ambos doutorados em França, Miguel Romão diz que é "um privilegiado de certas maneiras". Viajou pela Europa desde muito novo e frequentou colégios privados durante toda a infância e quase toda a adolescência. Primeiro no Colégio das Descobertas, onde se envolveu com o teatro amador e, depois, no Colégio Salesiano de Lisboa, entre os 12 e os 17 anos, nos "tempos interclassistas dos salesianos", por uma opção apenas de "formação cívica".

Nascido no bairro de Campo de Ourique, Miguel diz gostar mais das zonas antigas de Lisboa do que das avenidas novas. Sente-se bem nas ruas estreitas da Madragoa, onde descobriu um bar em que se "servem as melhores cervejas belgas" e se "pode estar à conversa". Na tertúlia que aí formou fala-se de política também, mas mais de literatura e sobretudo da "Inventio" que Miguel diz ser o seu "lado estético". **J. A. P.**

"QUANDO TINHA 18 ANOS ESTIVE QUASE, QUASE PARA IR PARA ÁFRICA, "PARA FAZER O QUE FOSSE PRECISO, ENSINAR A LER E ESCRIVER, PARTICIPAR NOS PROGRAMAS DE VACINAÇÃO, ABRIR VALAS, O QUE FOSSE PRECISO"

Pedro gost

O ESTRATEGA

Pedro Mota Soares
24 anos, presidente da Juventude
Popular

Foi na Escola Secundária de Cascais, nos tempos em que andava "a fugir dos polícias por andar de mota sem capacete", que Pedro Mota Soares se iniciou nas lides políticas. Entrou para a Associação de Estudantes no 10º ano e filiou-se na então Juventude Centrista.

Começou por achar piada à política, agora diz que lhe dá muito gozo. Com 24 anos e uma "educação católica de pouca missa", o líder da Juventude Popular afirma-se "democrata-cristão e conservador".

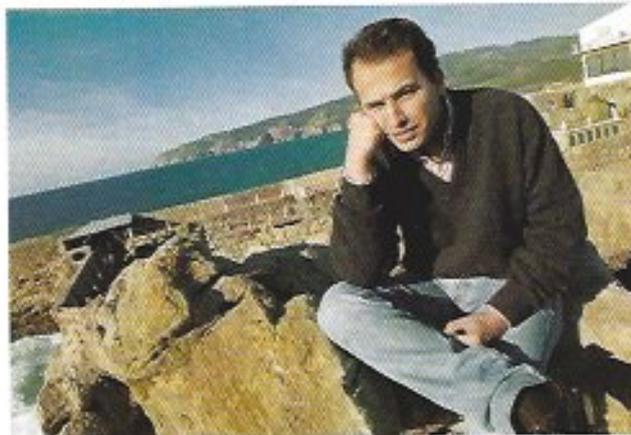
Pedro tem feito um percurso linear de político de carreira. E o que mais lhe revela essa vocação é o "gozo em fazer política". Gosta dos períodos eleitorais, das campanhas, de discutir argumentos, de falar com as pessoas e da retribuição directa e imediata que tudo isso impli-

ca: "Um mês depois ficamos a saber o que o nosso trabalho valeu". Pedro sabe bem como é importante "humanizar a política": "Faço muitos quilómetros por mês, passo todos os fins-de-semana fora de casa, a falar com pessoas, nas ruas, nas associações, nas empresas".

O presidente da JP recusa-se a deixar-se "prender pela política". Quer terminar o curso de direito, do qual é finalista, porque acha que se é "muito mais útil com um curso superior". Quer "compatibilizar a carreira na advocaci-

"FAÇO MUITOS QUILOMETROS POR MÊS, PASSO TODOS OS FINS-DE-SEMANA FORA DE CASA, A FALAR COM PESSOAS, NAS RUAS, NAS ASSOCIAÇÕES, NAS EMPRESAS"

com a política" porque não acredita em regimes de exclusividade. Para justificar o seu interesse pelo direito, repete a mesma máxima: "Gosto do contacto directo com as pessoas e de lhes resolver os problemas". Chegou com 18 anos a Coimbra, vendo-se "a morar sozinho e com uma mesada para gerir" durante três anos. Mas a certa altura sentiu-se a "estagnar" e regressou a casa, a uma moradia com jardim e piscina em Cascais, onde reside com os pais. Atrás da porta do quarto guarda um "palhinhas" da candidatura de Freitas do Amaral, em 1986, à presidência da República e, a um canto, enrolada, uma bandeira do PP. As paredes do



quarto são brancas, sem adornos. E sobre a secretária, às pilhas, junta os livros de direito, romances e muitas biografias das grandes figuras políticas mundiais. À cabeça estão duas: a de Margaret Thatcher e a de Winston Churchill. I D. P.

dos períodos eleitorais, de discutir argumentos, de falar com as pessoas

A JURISTA



Luísa Salgueiro
31 anos, vereadora da Câmara Municipal de Matosinhos

Desde bem cedo, Luísa Salgueiro soube o que queria ser: advogada. Não teria mais do que 11 ou 12 anos quando a ideia se lhe apresentou clara e reflectida, mais ou menos pela mesma altura em que um dia viu Margaret Thatcher na televisão e decidiu que ainda havia de ser como ela. A advogada de 31 anos fez o curso "calmamente" e durante o estágio oferecia-se para trabalhar de graça.

Filha única de um casal de classe média, nascida e criada em São Mamede de Infesta, Luísa vê nos pais os seus "principais mentores", dos quais recebeu uma "educação à moda antiga". Sem rodeios afirma que quer "é fazer coisas" e, talvez por isso, evita partidariar qualquer questão. Foi com esse espírito que chegou à política, num primeiro

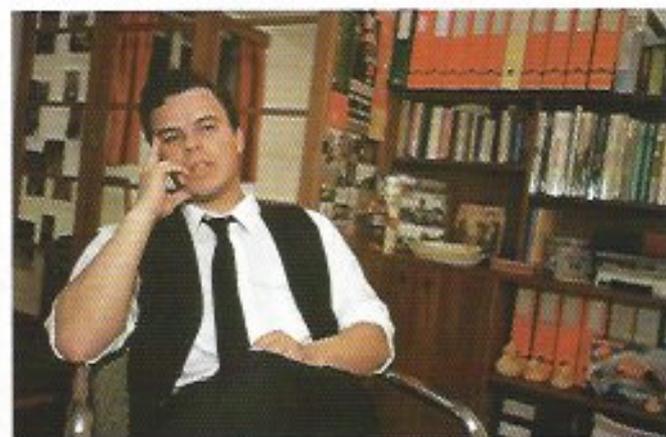
passo dado em 1994, no Conselho Consultivo de Juventude da Câmara Municipal de Matosinhos onde foi representar o Futebol Clube de Infesta. Dai a integrar como independente a lista de Narciso Miranda candidata à Câmara Municipal de Matosinhos nas autárquicas de 1997 foi outro passo.

Luísa diz que sempre teve "a sorte e o empenho de fazer aquilo que queria". Apenas uma vontade não conseguiu levar avante, até porque "as evidências físicas assim o obrigaram". Luísa queria ser Luís em criança, mas "a feminilidade acabou por devorar o Luís". Como todas as meninas que queriam ser rapazes, gostava de

NÃO TERIA MAIS DO QUE 11 OU 12 ANOS QUANDO, UM DIA, VIU MARGARET THATCHER NA TELEVISÃO E DECIDIU QUE AINDA HAVIA DE SER COMO ELA

jogar à bola, era maria-rapaz e esmurrava o vizinho a quem a contrariava. "Agora alterei os todos. Faço-me respeitar pelo trabalho", diz. Em nome do trabalho quase deixou de ler o que não sejam textos jurídicos, com excepção feita, "aqui e além", ao seu autor favorito, Milan Kundera. E sente que as definições de amigos, em que "ficava à conversa a experimentar com o 'shaker' as mais variadas bebidas explosivas", se vão tornando cada vez mais espaçadas. Lá nos seus domínios, num primeiro andar sóbrio e funcional, a moradia familiar, só não se pode falar de Matosinhos, porque Luísa não quer, porque exalta. I D. P.

O PATRÃO



Hugo Capote

23 anos, presidente da Associação Académica de Coimbra

Uma das primeiras revelações que nos faz é que a Associação Académica de Coimbra

(AAC) é uma verdadeira Média Empresa, com um orçamento de 600 mil contos por ano, fora a Queima das Fitas. Hugo Capote, recém-eleito presidente da AAC, levou pouco tempo a descobrir isso. Na véspera, tinha estado reunido com o sindicato de trabalhadores da AAC — são 70 — e saiu satisfeito com os elogios que lhe fizeram. Para Hugo Capote, comunista convicto, estar do lado de lá, "do lado do patronato", é uma situação insólita. "Sou sensível às questões sindicais e dos trabalhadores. Isso começa pela formação que me deram", afirma o jovem, 23

anos, natural de Portalegre. "Há coisas de que só hoje me apercebo da importância. À mesa das refeições, não havia televisão e sempre houve discussão, no bom sentido. O meu pai queria que nos formássemos para termos uma resposta à altura", explica.

O finalista de Medicina conversa à-vontade perante os flashes fotográficos. Em

poucos meses, dois, habituou-se tanto às máquinas fotográficas, como às câmaras de televisão. "No início tinha receio de me engasgar quando falava, mas o próprio processo eleitoral foi tão absorvente que me apercebi rapidamente de que tinha as coisas na ponta da língua. Mas noto uma ingenuidade e inocência no início que agora já não teria", diz.

Aluno brilhante, mas adverso a qualquer computador, Hugo Capote confessa que gostaria de seguir uma especialidade cirúrgica para mais tarde ser "médico de província". A vocação nasceu cedo. "Foi logo passada aquela fase do bombeiro, do polícia e do jogador de futebol, quer dizer, esta ainda não me passou", diz.

O quarto de uma residência de estudantes, em que vive desde que se mudou para Coimbra,

"NO INÍCIO TINHA RECEIO DE ME ENGASGAR QUANDO FALAVA, MAS O PRÓPRIO PROCESSO ELEITORAL FOI TÃO ABSORVENTE QUE ME APERCEBI RAPIDAMENTE DE QUE TINHA AS COISAS NA PONTA DA LÍNGUA."

Ao lado

está cheio de fotografias, embora Hugo seja capaz de passar férias sem levar uma máquina fotográfica. Ao lado da cama, tem dois quadros. Um é o Manifesto Comunista de Marx. O outro, uma passagem do Evangelho de São Mateus. I. H. P.

O EDUCADOR

António Monteiro

29 anos, presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico

Com 18 anos entrou numa sala para dar aulas. António Monteiro tinha o 12º ano e já ensinava físico-químicas ao terceiro ciclo da C+S de Belmonte, perto da Guarda. "Era o mais qualificado dentro do que havia disponível. Em termos científicos estava apto e pedagogicamente, bom... não era o melhor mas também não era o pior", afirma. Mili-

tante de base do PS desde os 18 anos, António é presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico.

Durante os três anos em que deu aulas viu como alguns sonhos podem morrer à nascença. "No interior, para um miúdo de 15 ou 16 anos chumbar o ano significa ir trabalhar". António, 29 anos, quis mudar isso. "Sou um sonhador. Fui sedutor e uma referência para eles. Alguns estão agora nas faculdades, nos institutos".

António fez "sozinho e sem aconselhamento" todo o trajecto académico. Frequenta o quarto ano de engenharia mecânica no Instituto Politécnico da Guarda, mas acha que as suas caracte-

NUM PEQUENO APARTAMENTO QUE PARTILHA COM OUTRO ESTUDANTE DA GUARDA, ANTÓNIO TEM AS ESTANTES REPLETAS DE LIVROS, QUASE TODOS SOBRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA: "EDUCAÇÃO OU BARBÁRIE" DE GUILHERME DE OLIVEIRA MARTINS, "A BUSCA DO IDEAL" DE ISAIAH BERLIN, "O NOME E A COISA" DE JOSÉ PACHECO PEREIRA.



terísticas de "comunicador nato" têm "mais a ver com o direito". Porém, não vai desistir da opção feita.

Desde cedo viveu fora do núcleo familiar. Entrou com nove anos no Seminário do Verbo Divino, em Tortozendo, perto da Covilhã, porque a mãe tinha medo que descarrilasse. "O meu pai morreu quando eu tinha ano e meio e acho que a preocupava a falta de um pai na minha formação". No final do 9º ano, pensou em prosseguir os estudos pela via seminarista. "Mas dentro do seminário defendia-se a necessidade de se ter uma experiência fora antes de tomar qualquer decisão". O mundo mudou-lhe as ideias. "Descobre-se o

sexo oposto e muita coisa muda", refere com um sorriso.

Num pequeno apartamento que partilha com outro estudante da Guarda, António tem as paredes repletas de livros, quase todos sobre educação e política: "Educação ou Barbárie" de Guilherme de Oliveira Martins, "A Busca do Ideal" de Isaiah Berlin, "O Nome e a Essência" de José Pacheco Pereira e muitas, muitas outras obras de Álvaro Barreto. Nas paredes algumas gravuras de barcos, "influências do Índico" por ter nascido em Moçambique, e à cabeceira da cama um póster do "general sem medo", Humberto Delgado, autografado por Jorge Sampaio durante o Comboio da Liberdade. ■ o. r.

da cama, Hugo tem o Manifesto Comunista e o Evangelho de São Mateus

O ELEITO

Luis Alves

21 anos, presidente da Federação das Associações Juvenis do Distrito do Porto

É com orgulho que Luís Alves, 21 anos, diz nunca ter perdido umas eleições.

Agrada-lhe liderar onde quer que esteja. Tudo o que lhe acontece "tem sido por acaso", porque é activo e sobretudo porque tem "dificuldades em dizer que não". Só o fez mesmo uma vez, à proposta de se candidatar para a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências do Porto, nas eleições de Maio passado. E mesmo essas, acha, "tinha-as ganho nas calmas".

Esteve sempre à frente de listas vencedoras na corrida para as associações de estudantes durante os tempos de secundário e recorda que no 10º ano ganhou as eleições com o apoio de todas as juventudes partidárias: "Fomos buscar cartazes e autocolantes a todas. Assim nenhuma pode vir dizer-nos que havia uma moeda a pagar". Ao chegar com 18 anos à faculdade, onde é estudante de Química, decidiu não se envolver nas associações de estudantes. "Um caloiro não pode, obviamente, ser dirigente", explica.

Nascido em Vila Nova de Famalicão, por "um

acaso", durante uma visita que os pais fizeram aos avós, Luís diz que vive no Porto e que vai "dormir e comer a casa", em Rio Tinto. Foi "educado para ser livre" e "como todas as crianças livres dava muito nas vistas". Essa rebeldia fazia com que apanhasse tarefas dos professores todos os dias. "Só lá para a quarta classe é que deixei de apanhar todos os dias, então era só para aí duas vezes por semana".

Na Escola C+S António Gil, no Porto, tinha como diversão "fugir da escola": "Não era o sítio para onde fugíamos que importava, o interessante era o acto de sair, de ter desrespeitado as normas. Era uma escola com muros muito altos". Foi nesses tempos de infância que se formou o grupo que viria a dar a Associação de Jovens Flautistas do Porto, onde Luís toca flauta baixo, uma flauta de bisel com quase metro e meio, "talvez a maior flauta do país". A certa altura achou que o grupo se devia constituir como associação, assumiu a sua liderança e foi por aí que chegou à presidência da Federação de Associações Juvenis do Distrito do Porto e à direcção da federação que agrega nacionalmente todas as associações de jovens do país. ■ o. r.



"SÓ LÁ PARA A QUARTA CLASSE É QUE DEIXEI DE APANHAR TAREIA TODOS OS DIAS. ENTÃO ERA SÓ PARA AÍ DUAS VEZES POR SEMANA"